

Pelas Rotatórias Suíças: a Educação Vista Por Fora dos Muros da Escola Na Concepção da História Cultural

*Myrian Soares de Moraes**

Resumo

Este artigo parte de uma pesquisa descritiva e bibliográfica. Tenho como objetivos: apresentar a importância da História Cultural como transmissora do conhecimento, dando destaque ao museu como espaço educativo; identificar o papel das fontes de pesquisa para a educação e, por fim, traçar uma conexão entre as fontes e o conhecimento através de alguns objetos de pesquisa expostos no Museu da Cruz Vermelha ou Crescente Vermelho: espaço onde se guarda registros de atendimento dos médicos e enfermeiros dessa instituição nas guerras que participou. Assim, destaco as atividades desenvolvidas pelos prisioneiros nos postos de saúde da Cruz Vermelha desde 1919. Estas que se assemelham com a prática de atividades pedagógicas realizadas por crianças no hospital datadas com início na França no ano de 1935.

Palavras- chave: História Cultural; Pedagogia Hospitalar; Práticas educativas.

By Rotating Swiss: Education Seen Outside The School Walls In The Design Of Cultural History

Abstract

This article is part of a descriptive and literature. I have the following objectives: to present importance of cultural history as a transmitter of knowledge, highlighting the museum as a space education, to identify the role of research sources for education and, finally, to draw a connection between the sources and knowledge through some objects research exhibited in the Museum of the Red Cross or Crescent Red: space to keep records of attendance doctors and nurses of this institution in the wars who participated. So, I highlight the activities developed by the prisoners in the clinics of Red Cross since 1919. Those that resemble the practice of educational activities undertaken by children dated in the hospital beginning in France in 1935.

Keywords: Cultural History, Pedagogy Hospital; Educational Practices.

***Myrian Soares de Moraes** é graduada em Pedagogia pela UFS e mestranda em Educação pelo Núcleo de Pós Graduação em Educação, NPGED, UFS. Bolsista Fapitec. Tem como campo de pesquisa a Pedagogia Hospitalar. E-mail: myriansmoraes@gmail.com

Introdução

Este artigo tem como objetivo apresentar a História Cultural no contexto da Cultura Material a fim de dar destaque ao museu como espaço educativo e transmissor de conhecimento e identificar o papel das fontes de pesquisa para a educação. Por fim, apresentar o Museu da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho situado em Genebra, Suíça, identificando as atividades dos prisioneiros nos postos de saúde da Cruz Vermelha com a prática das atividades realizadas por crianças no hospital. Diante dessa investigação, tenho como objeto a Pedagogia Hospitalar inserida na Cultura Material.

Como metodologia, apresento o resultado de uma pesquisa descritiva e bibliográfica a partir da teoria de Peter Burke (2005) sobre História Cultural e de autores como Carvalho (2003), Souza (2007) e Chartier (2009) que adentram no estudo da Cultura Material como fonte e objeto de pesquisa.

A imensa quantidade de objetos antigos analisados nos trabalhos de Castro (2006), Biccias (2008), Souza (2009) e Santos (2010) fez surgir este artigo. Objetos esses que variavam de impressos a carteiras, arquitetura da época, modos e costumes e que constituíam um conjunto de artefatos para a idealização de um contexto do período estudado por esses autores.

A História Cultural é uma linha recente na pesquisa educacional, nela surge a Cultura Material, por volta da década de setenta, em específicos temas como história da viagem, história da leitura, da memória, do vestuário, do imobiliário, entre outras.

Para entender a História Cultural, é necessário pôr em relevo o conceito de cultura.

A idéia de cultura implica a idéia de tradição, de certos tipos de conhecimentos e habilidades legados por uma geração para a seguinte. Como múltiplas tradições podem coexistir facilmente na mesma sociedade – laica e religiosa, masculina e feminina, da pena e da espada, e assim por diante – trabalhar com a idéia de

tradição libera os historiadores culturais da suposição da unidade ou homogeneidade de uma ‘era’. (Burke, 2005, p. 39)

Desse modo, a cultura tem significação ímpar para o processo de entendimento da história de uma sociedade ou de um determinado hábito. Sem a diversidade cultural que existe no mundo seria impossível realizar estudos peculiares a um determinado objeto em diferentes visões culturais ou em épocas diferenciadas.

A multiplicidade de pesquisas realizadas na linha da História Cultural é uma prova que há cultura e esta se dá, por vezes, de forma insignificante a olhos leigos, mas de muito valor quando existe um olhar apurado de um historiador-pesquisador.

Santos (2010) instiga esse olhar quando manuseia a vida de Rui Barbosa voltada para a emancipação política e educativa no Brasil oitocentista através de alguns documentos dentre eles o Decreto 7.247, de 19 de abril de 1879. Esse estudo, embora voltado para a História da Educação, foi marcado por traços da cultura da época que eram emitidos pela política e pela educação.

Castro (2007) apura o olhar, enquanto historiador-pesquisador na história da Casa dos Educandos Artífices no Maranhão Provincial, apresentando culturas materiais e imateriais do processo formativo da época, assim como condições de trabalho, de moradia, arquitetura, e formação educativa e moral ao mesmo tempo. Para confirmar, o autor cita Magalhães (2004) para aplicar sua faceta metodológica de trabalho: as condições materiais e a história da instituição a partir do poder instituinte dos seus participantes.

Assim, pode-se perceber que a história e a materialidade são trabalhadas em conjunto de maneira a complementarem o contexto uma da outra. Quanto à materialidade, esta exerce um espaço distintivo por servir de fonte para o objeto a ser estudado. Prova disso é a seguinte passagem do estudo “Alicerces da Pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)”: “As imagens dão a ver uma cultura material que em tudo se presta a um modo determinado de ensinar:

carteiras, mesa de professor, relógio na parede, um ou dois armários, um singelo vaso de flor, a bandeira nacional, cartazes, quadros murais, gravuras, lousa, lápis, calendário.” (Souza, 2009, p. 201-202).

Um trabalho que envolve a História Cultural possibilita uma diversidade de assuntos para trabalhar visto abranger um leque de possibilidades. A cultura é constituída por hábitos e costumes cotidianos que regem a sociedade numa determinada época. Pressupõe-se, dessa forma, a inclusão - no pensamento de cultura - de práticas que fazem o ser humano ser, sentir e agir.

Chartier (2009, p.34) compreende a cultura como “[...] práticas comuns através das quais uma sociedade ou um indivíduo vivem e refletem sobre sua relação com o mundo, com os outros ou com eles mesmos.” Para Felgueiras (2010, p.18) a cultura se refere “[...] a formas de pensamento, ao mundo das ideias, ao imaterial expresso em formas e criações muito específicas e de grande beleza e perfeição.”

De fato, cada região é impregnada por uma cultura que lhe é própria. Isso acontece com a culinária, as danças, os ritmos, o modo de portar-se, a arquitetura, entre outros aspectos que compõem o perfil cultural. Este que tem uma origem significativa nos primórdios e que é passado de geração a geração. Para que hoje possa se conhecer a fundo uma determinada cultura, porém, é necessário buscar na história a história da cultura.

A história, por sua vez, tem o seu papel de transmissão da cultura através da descrição e narração dos fatos acontecidos. Chartier (2009) ainda acrescenta que a história é feita por fragmentos com base nas investigações eruditas e se aproximando dos usos e costumes humanos. Desse modo, Lopes e Galvão (2001, p. 39) compreendem que a Nova História Cultural busca “alargar os objetos, as fontes e as abordagens utilizados tradicionalmente na pesquisa historiográfica”.

Os usos e costumes humanos são também componentes da educação. Prova disso são as primeiras práticas educativas de aquisição de costumes pelo seio familiar onde a criança ainda pequena começa a aprender as primeiras lições da vida.

A educação, nesse sentido, é responsável pelo conjunto de práticas que possibilitam a transmissão da cultura. É certo que o conceito escolar é compreendido pela atividade de dois tipos de sujeito: o professor e o aluno. No entanto, as primeiras práticas educativas surgem em outras instituições da sociedade para depois serem constituídas na escola. Diante disso, Felgueiras (2010, p. 22) afirma que:

No surgimento da forma escolar, quer seja a universidade, o colégio quer a escola de primeiras letras, o que define o escolar não é o espaço mas a actividade e a relação de dois grupos distintos: os mestres e os estudantes. A definição de um espaço próprio e qualificado para o exercício do ensino aparece historicamente retardado, face à existência da escola como relação de transmissão e aprendizagem de conhecimentos estruturados e validação de aprendizagens, entre as quais a leitura, a escrita e o cálculo aparecem como essenciais a todas as outras.

Carvalho (2003, p. 262) também faz referência à forma escolar. Para ela, esta possibilita “repertoriar através da disparidade indefinida dos gestos profissionais, as invariantes da intervenção pedagógica, ligadas não só aos imperativos de toda transmissão de saberes, mas à ‘forma escolar’ de transmissão.”

Chama-se atenção para o fato de outros espaços terem a função de educar antes que a criança chegue à escola. Na contemporaneidade, o ser humano possui um infinito de possibilidades e de locais propícios para ser educado: televisão, internet, livros, parques, praças, museus, viagens, etc. Cada um desses meios é capaz de transmitir o conhecimento tendo como via a cultura. Darei destaque a apenas um objeto citado: o livro. Este que era possuído por poucos e, por conta disso, a posse de um renderia prestígio social.

O livro - material impresso - que chegou ao Brasil no século XVI e poucos tinham acesso a ele. Souza (2007, p.172) conceitua os impressos, dentre os quais o livro faz parte, como “[...] suportes materiais da escrita e de difusão de ideias”, como aconteceu no século III quando o códice

foi substituído pelo pergaminho, facilitando a difusão do cristianismo (Darton, 2010). Entre os séculos XVI a XIX era comum as pessoas com poder aquisitivo deixassem nos seus inventários alguns livros (Araujo, 1999).

Os livros foram uma fonte de pesquisa bastante útil para o historiador - mais tarde -, uma vez que a escrita reúne informações procuradas como, por exemplo, a ortografia, a caligrafia e até os assuntos tratados naquele período, o que possibilita a reconstrução da cultura pela história.

As fontes são recursos que possibilitam conhecer uma sociedade a partir de objetos, imagens, impressos, entre outros. Elas servem como artefatos de uma cultura material escolar. Souza (2007, p.169) indica que os artefatos “são indicadores de relações sociais e como parte da cultura material atuam como direcionadores das atividades humanas”. Ou seja, as fontes servem como transmissoras da história através das práticas culturais imersas em uma sociedade.

As práticas culturais também auxiliam na construção do conhecimento. Elas funcionam como transmissoras de educação e aparecem no decorrer da história do Brasil. Tal afirmativa é argumentada no livro “Leituras do Sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império” o qual aborda o processo educativo para a higiene no Segundo Império do século XIX. Nele, Oliveira analisa um manual escrito à sociedade da época, ensinando técnicas de higiene desconhecidas. A preocupação com a higiene fora, em grande parte, resultado das inúmeras manifestações da medicina higienista de modo a evitar doenças causadas pela falta de limpeza pessoal no seio familiar.

Oliveira (2010, p.32-33) faz referência ao período com a passagem:

A pedagogia da boa higiene unia-se à ciência maternal como uma nova relação que se introduz nas múltiplas práticas cotidianas no século XIX, introduzindo orientações que se traduzem em deveres para eliminar o mau cheiro das urinas, dos suores, dos hálitos e matérias hormonais. A higiene física, a moral e intelectual são,

assim, saúde para o corpo, caráter para a alma e inteligência para a sociedade.

A preocupação com a higiene, no Brasil, foi uma prática cultural influenciada pela medicina higienista e contou com a disseminação não só de médicos sanitaristas, como também intelectuais e pessoas da elite. No entanto, outras regiões do mundo estavam vivendo práticas culturais diferentes.

1– O Museu e a Cultura Material

Diante de uma Cultura Material investigada e analisada, faz-se imprescindível apresentar o museu como um espaço propício para preservar a cultura material de um espaço temporal. Soma-se a isso, o papel educativo destinado ao museu, visto ser um local de estímulo à aprendizagem, característico do modo de organização expositiva para transmitir a história.

Desse modo,

os museus caracterizam-se por coletar objetos que não pertencem mais à compreensão cotidiana da vida, estranhos ao tempo e à história que envolve. [...] essas instituições, além de contar a história do passado por meio de seus fragmentos, são essencialmente história. [...] As narrativas históricas reconstróem o passado de diversas maneiras e, além disso, os museus apresentam uma singularidade importante nesse narrar, que é a presença dos objetos. A história tanto pode ser determinada por uma lógica intrínseca à narrativa e subordinar os objetos em sua apresentação, como pode construir um sentimento comum partilhado, a partir de objetos trabalhados. Por outro lado, é preciso considerar que os artefatos são testemunhos do passado e, como tal, são portadores de uma história que antecede aqueles que o resgatam do contínuo da história. (Santos, 2009, p. 115)

Os museus têm uma rotatividade de visitantes com diversos fins: alguns para turismo, outros para pesquisa e alguns outros para uma atividade complementar a uma disciplina teórica. Essa última afirmativa é frequente no Brasil desde a implantação do método intuitivo (Castro, 2007).

Nessa perspectiva, Gonçalves (2009) apresenta dois tipos específicos de museus: o museu-narrativa e o museu-informação. O primeiro apresenta um caráter restrito, não estruturado para uma grande quantidade de visitantes, típico para pessoas em passeio, sem um destino definido. O segundo já é caracterizado por transmitir informações: um típico museu moderno capaz de receber multidões.

Enquanto no museu-narrativa há puramente objetos sem identificação, o museu-informação é repleto de sinais e descrições dos arquivos e materiais que lá comporta. Isso dá significado à expressão utilizada para designar tal museu.

O Museu da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho traz características peculiares do museu-informação pelas identificações em cada objeto ou impresso exposto, além de ser estruturado para receber grande quantidade de pessoas. Cada objeto observado remete a vários temas. Isso prova a diversidade da importância de cada documento, o que dá relevância ao museu. Nesse aspecto, “os museus, tratados como documentos/monumentos, são bem mais do que objetos neles exibidos. Têm sua própria história e podem nos dizer muito sobre a época em que foram construídos, bem como sobre as épocas subsequentes, que se foram sobrepondo ao momento inicial de criação.” (Dias, 2005)

O museu como espaço educativo induz a uma aprendizagem, tendo em vista as fontes caracterizadas pela cultura material. Soma-se a isso, o papel de identificação dessas fontes por pesquisadores de modo a contribuir na reconstrução da história cultural.

Sem o olhar do pesquisador, as fontes permanecem como objetos de um museu. Com a investigação e a busca dessas fontes é possível não somente situá-las num período da história, como também conhecer como funcionava o seu uso, a classe social em que circulava determinado objeto dentre outras indagações.

2– A Pedagogia Hospitalar: história, cultura e práticas educativas

A discussão sobre a História Cultural entrelaçada à Cultura Material embasa a importância do museu no espaço educativo seja para crianças, seja para jovens e adultos. Os interesses são díspares, entretanto a aquisição do conhecimento acontece através das fontes presentes ali.

A importância do museu para a educação é abordada pela diversidade de conhecimentos que podem ser apropriados, principalmente através da Cultura Material. Essa abrangência é representada também na investigação científica ao comprovar fatos históricos a partir de documentos que o registrem. É desse modo que as fontes servem como transmissoras da história através das práticas culturais imersas em uma sociedade.

O estudo sobre a Pedagogia Hospitalar e o seu surgimento dentro da História da Educação é um tema relativamente novo. Nesse sentido, urge que pesquisas sejam aprofundadas de modo a traçar historicamente o contexto do surgimento da escolarização hospitalar, as primeiras práticas pedagógicas, o público atendido, os hospitais que ofertavam esse tipo de atendimento.

Um dos meios de suceder pesquisas como esta é tendo por base a Cultura Material. Dessa maneira, é possível delinear indícios da Pedagogia Hospitalar, assim como o início dessa atuação pedagógica no hospital através da materialidade. Ou seja, de fontes que auxiliem na constituição histórica deste objeto.

Lobo (2008), Vasconcelos (2011) e Barros (2011) têm investigado a história da Pedagogia Hospitalar através de fontes documentais e de uma bibliografia seleta para tal campo de pesquisa. Dessa forma, aos poucos tem-se construído a história da Pedagogia Hospitalar em nível nacional e internacional.

Na discussão nacional, Mazotta (1996) argumenta sobre a possibilidade do início de atividades pedagógicas no hospital do Brasil, anterior ao datado oficialmente

por Arosa e Shilke (2008) como sendo em 14 de agosto 1950, no Rio de Janeiro onde está localizado o Hospital Municipal Jesus. A discussão de Mazotta (2011) é fundamentada em documentos históricos, ao pesquisar as classes especiais nas enfermarias para deficientes físicos da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo. Sendo assim, a partir de relatórios anuais que apresentavam o movimento escolar entre o período de 01/08/1931 a 10/12/1932, constatou-se o funcionamento de classes com o mesmo objetivo das classes hospitalares atuais. Ou seja, já aconteciam trabalhos da Pedagogia Hospitalar no Brasil, na década de 30.

O contexto cultural de uma época passa por mudanças, de acordo com um período da história. Assim, seria anacrônico comparar o hospital do início do século XX com a mesma instituição em meados do século XXI, uma vez que para cada tempo histórico o hospital tem uma funcionalidade específica.

É possível compreender o processo de hospitalização desde o surgimento do hospital como um espaço de abrigo para doentes, loucos e desempregados. Em consequência disso, a inserção desse público no hospital inclui as pessoas deficientes.

Sabe-se que a instituição hospitalar percorreu historicamente funções diversificadas de acordo com cada período na evolução da história. Basta perceber a origem etimológica da palavra hospital. No contexto do século XVI, Foucault (2011) já apontava a função que o hospital possuía.

A igreja católica tivera uma forte ligação com o hospital, uma vez que este era sustentado pela misericórdia do povo e coordenado por ordens religiosas. Com esse impulso nasceram as Casas de Misericórdia de caráter filantrópico, para de modo charlatão, - porque poucos eram os profissionais e ínfimos os recursos - lutar pela vida (Lobo, 2008). Pletsch (2010) cita Januzzi (2004) para confirmar tal iniciativa, ressaltando o afastamento da cidade daqueles com um grau de deficiência acentuado, indo ou para hospitais, ou para as Casas de Misericórdia.

Aos poucos, o hospital passou por um processo de melhoramentos com a coordenação de médicos, ten-

do como função gerir procedimentos. Contudo, ainda havia como auxiliares dos médicos irmãos de algumas ordens religiosas.

Com essa concepção de afastamento de anacronismos, Barros (2011, p. 20) aponta alguns vestígios históricos do processo de escolarização hospitalar quando, já no século XX, registra-se o Pavilhão-Escola Bourneville da Escola Hospitalar. Este que apresenta um caráter diferenciado do Hospital Municipal Jesus pelo fato de este contar com a presença de professoras, logo conveniadas com o Estado, que atendiam somente o público infantil:

É fato que aqui a chamada 'escola-hospitalar' do Hospital Nacional de Alienados do Rio de Janeiro não se justificava em sua existência pela mesma razão que se justificam as escolas hospitalares de hoje, qual seja, a universalização da educação para todas as crianças. Pois, tanto a inexistência de um conceito ampliado de cidadania, quanto a precariedade do sistema de ensino fundamental vigente, não favorecia a extensão do direito de escolarização às crianças hospitalizadas. É possível, assim, contestar a afirmação histórica de que o Pavilhão-Escola Bourneville, do Hospital Nacional de Alienados tenha sido a primeira escola hospitalar do Brasil; desde que reconheçamos que os hospitais do passado também não eram exatamente as instituições de assistência e tratamento que por esse nome hoje chamamos.

Internacionalmente, os primeiros estudos acerca da história da Pedagogia Hospitalar datam o seu surgimento com a primeira guerra mundial quando muitas pessoas tiveram partes dos seus corpos destruídos, sendo obrigados a morar distantes da cidade. Outro fator que fazia as pessoas se mudarem para lugares mais reservados eram as doenças contagiosas que não tinham tratamento na época, como aconteceu com os doentes de tuberculose (Arosa e Schilke, 2008).

Assim, um professor tinha a responsabilidade de educar aquele grupo de pessoas que viviam numa situação de risco (ou de exclusão, como foi o caso das vítimas da guerra) para a sociedade. Isso também aconteceu com as crianças com deficiência intelectual no século XX, quando os pioneiros do Movimento Escola Nova, na Europa, começaram a educar as crianças com recursos facilitado-

res da aprendizagem, como foi o caso de Maria Montessori. Segundo Arosa e Schilke (2008), a Pedagogia Hospitalar surge, então, na França, no ano de 1935 por Henri Sellier: político francês da época.

Pedagogia Hospitalar seria um conceito diferenciado da Pedagogia Tradicional, uma vez que se dá em ambiente hospitalar e que busca, além do conhecimento curricular, construir conhecimentos sobre esse novo contexto de aprendizagem, além de criar situações que estimulem uma melhora na qualidade de vida desse aluno-paciente através de atividades que ensinem o indivíduo a “ser” e a “conviver” com a doença e com o outro. Como evidenciam Matos e Mugiatti (2006, p. 37) abaixo:

A Pedagogia Hospitalar, por suas peculiaridades e características, situa-se numa inter-relação, entre os profissionais da equipe médica e a educação. Tanto pelos conteúdos da educação formal, como para a saúde e para a vida, como pelo modo de trazer continuidade do processo a que estava inserida de forma diferenciada e transitória a cada enfermo.

Para dar continuidade à educação dessas crianças, um professor ia para esses espaços onde moravam para poder ao menos alfabetizá-las, estabelecendo com elas um papel de mediador social. Ao ser oficializado na França esse cargo no ano de 1935, o professor passa a trabalhar diretamente no hospital onde tem e mesma função da sala de aula convencional, estimulando a criança nos processos de desenvolvimento e aprendizagem, e possibilitando o contato da criança hospitalizada com o seu cotidiano educacional através de atividades feitas por ela quando estava em pleno estado de saúde.

3– Museu da Cruz Vermelha: alguns vestígios

A observância do Museu da Cruz Vermelha, localizado em Genebra (Suíça), representa um misto de arte, história e cultura.

Algumas frases expressam o caráter humanitário da instituição propostas pelo fundador. Do mesmo modo, há a preocupação de preservar a história de como foi fun-

dada a Cruz Vermelha. Assim, uma das placas registra um pensamento voltado para importância das fontes históricas daquele local. Pode-se destacar uma: “*Preserving life by the written world*”¹.

A Batalha Solferino foi um marco para o surgimento de organizações com vistas para a humanização. Esta teve como objetivo promover a unificação da Itália, sendo o segundo confronto que aconteceu entre a Áustria e a França, próximo ao comune italiano de Solferino em 1859 deixando mais de quarenta mil mortos.

In 1859, Italy was still divided up into several Sayayes, some of which were subject to Austria; only the Kingdom of Piedmont (Sardinia) was independent. In order to unite his country, Cavour, the Sardinian Prime Minister, won the support of Emperor Napoleon III and the two arranged for Austria to declare war.

From the start of hostilities on 25 April 1859, the Franco-Sardinian army kept up the offensive. It pursued the Austrians as quickly as possible, fearing that they would entrench themselves in the famous quadrilateral formed by the fortresses of Verona, Legnano, Peschiera and Mantua. In the early hours of 24 June, the decisive battle broke out – when none of the belligerents expected it. It lasted one day, across a 16-kilometre front. Nearly 350,000 men were involved. The outcome was some 6,000 dead and 40,000 wounded.

On the evening following the bloody massacre, the two emperors were as shocked as their troops when they saw with their own eyes the appalling scenes left by the battle. Despite his victory, Napoleon III signed an armistice at Villafranca on 11 July 1859. Although it was an important milestone in the shaping of Italian unity and the country's independence, if Solferino has a place in History, it is because an ordinary man from Geneva was passing through, almost by chance... (Durand, 2011, p. 28-29)²

Henry Dunant, natural da Suíça, estando na Itália, viu toda a tragédia que envolvia mortes, fome, falta de higiene, e ausência de saúde e de cuidados necessários aos soldados e prisioneiros daquela guerra. Angustiado com o filme que vinha a sua memória, começou a buscar meios que possibilitassem a criação

do direito humanitário, escrevendo três anos depois do acontecido, o livro *“Un Souvenir de Solferino”*³. Este – certamente com suas memórias – sugeria a importância de haver projetos humanitários a fim de prestar serviços aos feridos das guerras.

Barely recovered from his post traumatic stress, the Samaritan of Castiglione resumed desperately trying to make his Algerian mills profitable. This occupied him fully until 1861. Nonetheless, he felt the need to share the memories that haunted him. In one year he wrote *A Memory of Solferino*, which came out the press in November 1862. Those 115 pages assured him a place in History.

Having consulted specialists in the art of warfare, he retraced the course of the battle. While

the first part of the book pays tribute to the combatants' heroic behaviour, it also heaps up horrendous descriptions and details: jaws blown off, broken limbs, human debris, heads cut wide open, exposed bowels covered in flies, and so on. The second part of the book, which describes the forlorn state of the wounded in the Chiesa Maggiore, is even more moving. That is where Dunant enters the scene. He recounts what he saw and experienced and it is that testimony – aided by a style that earned the praise of the best writers of this generation – which lends the book its force. Incidentally, his book should really be entitled *A Memory of Castiglione*.

The fourteen pages of the final part provide a platform for the author's questions and outline solutions: 'Would it not be possible, in time of peace and quiet, to form relief societies for the purpose of having care given to the wounded in wartime by zealous, devoted and thoroughly qualified volunteers?' Lastly, Dunant anticipates the brand new concept of neutralization by advocating the adoption by the States of 'some international principle, sanctioned by a convention and inviolate in character,' which would protect wounded soldiers and those taking care of them.⁴ (DURAND, 2011, p. 32-33)

Com a circulação do livro, a população aderiu à ideia de Dunant e em 1864 foi assinada a primeira convenção de Genebra, criando o Movimento da Cruz Vermelha, a pri-

meira instituição humanitária do mundo que, depois, se tornou uma instituição internacional.

A convenção de Genebra assinada em 1864 tinha como objetivo primordial a melhoria das condições dos feridos de armas no campo de batalha.

Durante a primeira e a segunda guerra mundial o movimento internacional da Cruz Vermelha atendeu não só os feridos da guerra, como também os prisioneiros: “Os espaços da exposição seguem, então, a via do direito humanitário. Da Primeira Convenção de Genebra, que se limitava a militares feridos e enfermos, os princípios humanitários estenderam-se nas últimas décadas aos prisioneiros de guerra e às vítimas civis” (Mombelli, 2011, p.01).

4 A Batalha Solferino: uma prática cultural, um germe para a humanização

Como até hoje existe, a guerra foi e ainda é uma prática cultural de várias civilizações para atingir seus interesses políticos, sociais ou econômicos. Batalhas e revoluções compuseram o cenário de vários países do mundo, inclusive na Europa. Nesse caso, a Batalha do Solferino foi uma luta para unificar a Itália. Esta que serviu não só para tais interesses, mas também para o surgimento de um trabalho forte aos olhos, e, ao mesmo tempo, instigante.

O museu foi um facilitador no estabelecimento de conexões entre as práticas educativas voltadas para a humanização, como é o papel do pedagogo hospitalar, com uma nova forma humanitária de educar.

O Movimento Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, com base no direito humanitário tem como norte alguns princípios: humanidade, imparcialidade, neutralidade, independência, voluntariado, unidade e universalidade. Suas missões são:

- Prevenir e amenizar o sofrimento humano em todas as circunstâncias.
- Proteger a vida e a saúde e fazer respeitar a pessoa humana, em particular em tempos de conflito armado e em outras situações de urgência.

-Trabalhar na prevenção de doenças e na promoção da saúde e do bem estar social.
 - Encorajar a ajuda voluntária e a disponibilidade dos membros do Movimento, além do sentimento universal de solidariedade com todos os que têm necessidade desta proteção e assistência.(MOVIMENTO Nacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, 2011, p. 01)

Diante de tais missões da Cruz Vermelha pode-se fazer um ligamento com o trabalho de humanização que o pedagogo faz no hospital em prol da luta pela vida através da educação. Isto é, no trabalho da promoção da saúde e do bem estar social, amenizando o sofrimento humano nas circunstâncias que lhe forem possíveis, tendo como ferramenta a transmissão cultural pela educação.

No caso do hospital, a necessidade de um trabalho com foco na humanização se dá pelo fato de lá ser um ambiente desconhecido para a criança em vários aspectos quando comparado ao seu cotidiano. Se para adultos a hospitalização provoca ansiedade, stress, impaciência, entre outros fatores que impossibilitam a mais rápida recuperação, para as crianças todos esses sintomas são ainda mais aguçados visto estarem numa idade que dificulta a compreensão de um internamento. Pois, a pouca compreensão da criança sobre a sua hospitalização se dá pelo fato de ainda não ter chegado à maturação do seu processo de desenvolvimento.

Foucault (2011, p. 07) apresenta a realidade da doença numa ótica médica na qual traz a preocupação não somente da doença, mas no contexto de pesquisa através de alguns fatores para dar o diagnóstico da doença:

A principal perturbação é trazida com e pelo próprio doente. À pura essência nosológica, que fixa e esgota, sem deixar resíduo, o seu lugar na ordem das espécies, o doente acrescenta, como perturbações, suas disposições, sua idade, seu modo de vida e toda uma série de acontecimentos que figuram como acidentes em relação ao núcleo essencial. Para conhecer a verdade do fato patológico, o médico deve abstrair o doente [...]. Não é o patológico que funciona, com relação à vida, mas o doente com relação à própria natureza.

A ideia de construir essa ponte entre o trabalho da Cruz Vermelha e o da Pedagogia Hospitalar se deu pela presença de objetos confeccionados pelas pessoas atendidas na guerra que precisavam ocupar o seu tempo diante do estado físico e psicológico que se encontrava.

Foi interessante perceber que as atividades lúdicas, ou seja, atividades que geram uma aprendizagem de modo prazeroso, são realizadas por adultos e crianças de modo a ocupar o tempo ocioso, aliviando tensões e stress. No caso da criança, esse tipo de atividade ainda tem a função de enfrentamento do medo através do simbolismo próprio da infância.

Através das fontes presentes no Museu da Cruz Vermelha foi possível constatar que as práticas do pedagogo no hospital, com base na construção de um caráter humanitário, teve início um pouco antes da primeira guerra mundial, uma vez que o Movimento Internacional da Cruz Vermelha surge e inicia suas atividades ainda no século XIX.

Diante do exposto, pode-se destacar a seguinte afirmativa: quanto ao surgimento da Pedagogia Hospitalar e ao trabalho com as atividades lúdicas que, embora o cargo de pedagogo hospitalar tivesse se constituído em 1935, em 1919 já havia indícios da prática de atividades lúdicas que serviam apenas para combate ao ócio sendo realizadas por prisioneiros atendidos pela Cruz Vermelha.

Algumas imagens revelam tal evidência: Uma com a seguinte legenda :*“cloth snake made by prisoners [with inscription]. Glass beads, theard. United Kindom, 1919.”* E outra:*“miniature tea service made by prisoners. Fish bones, glass, cotton. Europe, Firs World War.”⁵*

A perspectiva de Henry Dunant é equiparável à do direito humanitário, mas visava salvar vidas destruídas pelo ódio e rancor que a guerra provocara. Com evidência nesse olhar, Castro (2009, p. 49) aponta a vivacidade que é o trabalho humanitário do pedagogo, sendo abrangente aos demais profissionais que trabalham com vistas a humanização.

Não há mais como retroceder, pois a escola como instituição que conhecemos hoje também precisa de mudanças, no hospital se trabalha diariamente na luta entre a vida e a morte, o corpo pode estar doente, no entanto, a mente é sã, portanto não se detêm o sonhar, o fantasiar e se planejar a vida que ficou do lado de fora. Pode-se até saber que amanhã não se encontrará aquela criança, mas isto não lhe dá o direito, como professor, de julgar ou escolher se vale a pena ou não compartilhar o conhecimento humano. Realiza-se!

Nesse sentido, o pedagogo é responsável pelo ser hospitalizado não só intelectualmente, mas também social e emocionalmente visto que o corte de um cotidiano infantil e a submissão de outra rotina. Nesta tudo é novo, embora não signifique que seja uma novidade positiva, pois a criança é submetida a todo um aparato estranho, um cheiro diferente e quase todos os procedimentos lhe provocam dor.

Com a separação da família, dos amigos, do contexto social junto com o estado de doença, a criança, quando não preparada para a hospitalização e sem um acompanhamento de uma equipe multidisciplinar que dê suporte ao seu tratamento patológico, pode manifestar traumas. Estes que dificultam o quadro de sucesso do tratamento realizado pela equipe de saúde.

Desse modo é que a presença de um pedagogo no hospital se faz necessária, uma vez que é um profissional que pode estimular a criança na realização de atividades pedagógicas presentes no seu cotidiano. Assim, a construção de pontes com a vida fora do hospital pode ressignificar um tratamento de forma a auxiliar na melhora da criança e fazer sentir-se menos distante da sua rotina infantil.

É nesse conjunto de atividades que o pedagogo trabalha em favor da humanização da saúde, na maioria das vezes, com a ludicidade: proposta igualmente realizada nos postos de atendimento da Cruz Vermelha.

Considerações finais

Diante do exposto, pode-se perceber que a Cultura Material é uma linha de pesquisa que, embora recente e atuante em diversos âmbitos, contribui para a recontação da história a partir da materialidade.

O museu é um espaço educativo de grande relevância para conhecer processos históricos e temas diversificados, a depender de qual museu se visita. Soma-se a isso, o caráter da visita e os tipos de museu que apresentam propostas divergentes para o seu visitante.

Vale ressaltar que muitos objetos a serem estudados na Cultura Material da História Cultural são encontrados apenas em museus, o que aumenta a importância que se dá a esse espaço de consolidação do conhecimento.

O museu, patrimônio de uma história cultural, traz marcas significativas de uma época ou de um determinado tema em vários momentos temporais. Nesse sentido, a história e a cultura estabelecem relações de complementariedade resultantes em um local para educar como o museu.

Diante disso, pode-se perceber que a educação como transmissora de cultura é uma ferramenta imprescindível na formação do ser humano. Por meio da educação são adquiridas as práticas culturais antes mesmo de se chegar à escola.

A Pedagogia Hospitalar é uma área relativamente nova, a qual tem sido construída pela História da Educação através de fontes pertencentes a arquivos públicos ou mesmo a museus, como foi constatado no decorrer deste artigo. Sendo assim, torna-se saudável o embate entre autores e datas dos indícios da Pedagogia no hospital, da inserção do pedagogo hospitalar como promotor do conhecimento formal, da inclusão do pedagogo no hospital com o objetivo de estimular o desenvolvimento e a aprendizagem infantil por meio do lúdico, da conexão com a história do Museu da Cruz a fim de proporcionar vestígios para a história da Pedagogia Hospitalar em nível internacional.

A apresentação do Museu Internacional da Cruz Vermelha e do Crescente Vermelho, foi capaz de conferir a significação do conhecimento tendo como base uma prática cultural por meio da cultura material. O destaque dado ao caráter humanitário da instituição norteia os seus segmentos históricos, apresentando uma possibilidade de constituir a humanização em meio a guerra. Essa relação parece hipócrita, mas, na Convenção de Genebra de 1863, foi entendida como uma necessidade para os guerrilheiros que davam a vida pela sua nação.

A prática da humanização realizada pela Cruz Vermelha possibilitou o conhecimento de significativas atividades realizadas pelas pessoas atendidas nas revoluções ou guerras. Desse modo, há novas evidências dentro da história da Pedagogia Hospitalar. É possível identificar que práticas educativas de caráter humanitário, historicamente datadas do ano de 1935, na França, já aconteciam em 1919 com o atendimento do ferido da guerra que ocupava o seu tempo ocioso com atividades lúdicas. Estas que podiam até não ser consideradas como lúdicas, mas somente como uma forma de ocupar o tempo.

Portanto, a passagem pelas rotatórias suíças de Genebra oportunizou o aprofundamento na pesquisa do Museu Internacional da Cruz Vermelha ou Crescente Vermelho. Isto possibilitou entrelaçar as práticas educativas humanitárias com a história da Pedagogia Hospitalar em nível internacional, de modo a identificar vestígios que servem de registro para preencher lacunas dessa pesquisa na história. Assim, enveredar pelas trilhas da humanização, traça-se uma nova discussão histórica para a Pedagogia Hospitalar.

Notas

¹ Preservando a vida pela escrita do mundo.

² Em 1859, a Itália ainda era dividida em vários territórios, alguns desses submetidos à Áustria; somente o território de Piemonte (Sardenha) era independente. A fim de unir seu país, Cavour, o primeiro-ministro da Sardenha, ganhou o apoio do Imperador Napoleão III para declarar guerra à Áustria. Desde o início das hostilidades até o dia 25 de abril de 1859, o exército Franco-Sardenha manteve-se na ofensiva. Se organiza-

ram contra os austríacos o mais rápido possível, temendo que eles iriam entrincheirar-se no quadrilátero formado pela famosa das fortalezas de Verona, Legnano, Peschiera e Mantua. Nas primeiras horas de 24 de Junho, a batalha decisiva estourou - quando nenhum dos "bellingerents" esperava. A batalha durou um dia. Cerca de 350.000 homens foram envolvidos. O resultado foi uma média de 6.000 mortos e 40.000 feridos. Na noite após o sangrento massacre, os dois imperadores ficaram chocados quando eles viram com seus próprios olhos as cenas terríveis deixadas pela batalha em seus soldados. Apesar de sua vitória, Napoleão III pecou um armistício em Villiafranca em 11 de julho de 1859. Apesar de ter sido um marco importante na formação da unidade italiana e independência do país, se Solferino tem um lugar na História, é porque um homem comum de Genebra estava passando, quase por acaso...

³ A lembrança do Solferino

⁴ Mal recuperado de seu stress pós-traumático, o samaritano de Castiglione retomava seu trabalho de fazer suas usinas argelinas rentáveis. Este concluiu-se totalmente até 1861. Nonethes, sentiu a necessidade de partilhar as memórias que trazia. Em um ano escreveu "Uma Lembrança de Solferino", que chegou a imprensa em novembro de 1862. Essas 115 páginas garantiu-lhe um lugar na História. Tendo consultado especialistas na arte da guerra, ele refez o curso da batalha. Enquanto a primeira parte do livro presta homenagem ao comportamento dos combatentes heróicos, ele também descreve os montes onde ocorreram a guerra e até horrendos detalhes nas descrições finais: garras arrancadas, membros quebrados, restos humanos, cabeças cortadas abertas, entranhas expostas cobertas de moscas, e assim por diante. A segunda parte do livro que descreve o estado desesperado dos feridos no "Maggiore Chiesa", é ainda mais comovente. É aí que entra em cena Dunant. Ele relata o que viu e experimentou e é testemunho de que - ajudado por um estilo que ganhou o elogio dos melhores escritores desta geração - empresta ao livro a sua força. Aliás, seu livro deve ser realmente titulado "A memória de Castiglione". Os catorze páginas da parte final proporciona uma plataforma de perguntas ao autor e as soluções apontadas: "Não seria possível, em tempo de paz e tranquilidade, para formar sociedades de socorro com o propósito de promover cuidados com os feridos na guerra pelo zeloso, dedicado e completamente voluntário trabalho qualificado? "Por último, Dunant antecipa o novo conceito de neutralização, defendendo a adoção pelos Estados de "algum princípio Internacional, sancionado por uma convenção de caráter inviolável, que protegeria soldados feridos e os que tomam conta deles

⁵ Cobra de pano feita por prisioneiros com contas de vidro [com a inscrição] Reino Unido, 1919" E outra: "Serviço de chá em miniatura feito por prisioneiros. Ossos de peixes, de vidro, algodão. Europa, Primeira Guerra Mundial"

Referências:

- ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs.) *Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- ARAUJO, Jorge de Souza. *Perfil do leitor colonial*. Salvador: UFBA, Ilhéus: UESC, 1999.
- AROSA, Armando C. e SCHILKE, Ana Lúcia. O hospital e a escola no hospital. In: AROSA, Armando G. e SCHILKE, Ana Lúcia (org.) *Quando a escola é no hospital*. Niterói: Intertexto, 2008.
- BARROS, Alessandra. Notas sócio-históricas e antropológicas sobre a escolarização em hospitais. In: SCHILKE, Ana Lúcia; NUNES, Lauane Baroncelli; AROSA, Armando C. (org) *Atendimento escolar hospitalar: saberes e fazeres*. Niterói: Intertexto, 2011.
- BURKE, Peter. *O que é História Cultural?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.
- CARVALHO, Marta Maria Chagas de. História da Educação: notas em torno de uma questão de fronteiras. In: CARVALHO, Marta Maria Chagas de. *A escola e a República e outros ensaios*. Bragança Paulista: EDUSF, 2003. p. 257-265.
- CASTRO, César Augusto. *Infância e trabalho no Maranhão Provincial: uma história da Casa de Educandos Artífices (1841-1889)*. São Luís: EdUNC, 2007.
- CASTRO, Marleisa Zanella. *Escolarização hospitalar: desafios e perspectivas*. In: Matos, Elizete Lúcia Moreira org. *Escolarização Hospitalar: Educação e saúde de mãos dadas para humanizar*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.
- CHARTIER, Roger. **A história ou a leitura do tempo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009..
- DARNTON, Robert. **A questão de livros: passado, presente e futuro**. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- DIAS, Cláudia Cristina de Mesquita Garcia. A trajetória de um "museu de fronteira": a criação do museu da imagem e do som e aspectos da identidade carioca (1960-1965). In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário orgs. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- DURAN, Roger. **Henry Dunant: Humanitarian Geneva**. Geneva: Slatkine printing, 2011.
- FELGUEIRAS, Margarida Louro. *Cultura escolar: da migração do conceito à sua objectivação histórica*. In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds.) **Cultura escolar, migrações e cidadania**. Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010. p. 17-32.
- FOUCAULT, Michel. **O nascimento da Clínica**. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2011.
- GONÇALVES, José Reginaldo Santos. Os museus e a cidade. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário orgs. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- LOBO, Lilia Ferreira. **Os infames da história: pobres, escravos e deficientes no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.
- MATOS, Elizete Lúcia Moreira e MUGIATTI, Margarida Maria Teixeira de Freitas. **Pedagogia Hospitalar: a humanização integrando educação e saúde**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2006.
- MAZZOTA, M. S. J. **Educação Especial no Brasil: história e políticas públicas**. São Paulo: Cortez, 1996.
- MOMBELLI, Armando. In: http://www.swissinfo.ch/por/especiais/museus_suicos/A_vitrine_do_humanitario.html?cid=880176. Acesso em: 11 de abril de 2011.
- OLIVEIRA, Iranilson Buriti de. **Leituras do sensível: escritos femininos e sensibilidades médicas no Segundo Império**. Campina Grande: EdUFGC, 2010.
- PLETSCH, Márcia Denise. **Repensando a inclusão escolar: diretrizes políticas, práticas curriculares e deficiência intelectual**. Rio de Janeiro: Editora Nau, 2010.
- SANTOS, Fábio Alves dos. **Rui Barbosa, educação e política: um discurso pedagógico no Brasil oitocentista (1880-1885)**. São Cristóvão: Editora UFS, 2010.
- SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museu imperial: a construção do Império pela República*. In: ABREU, Regina e CHAGAS, Mário orgs. **Memória e Patrimônio: ensaios contemporâneos**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- SOUZA, Rosa Fátima de. *História da Cultura Material Escolar: um balanço inicial*. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.) **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007. p. 163-189.
- SOUZA, Rosa Fátima de. **Alicerces da Pátria: história da escola primária no estado de São Paulo (1890-1976)**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2009.

Recebido em 01/07/2011

Aprovado em 07/10/2011